



FOLHA MISSIONÁRIA

Ano III

Arquidiocese de Juiz de Fora

Maio / 2013

Nº 30

Cerca de 6 mil pessoas no Bote Fé na Juventude

5 maio 2013
Praça da Estação
Juiz de Fora - MG

Rumo a
JMJ
13x2013

PARTICIPAÇÃO
Dom Gil Antônio Moreira
Juiz de Fora
Dom Cílio de Oliveira Goulart
São João del Rei
Dom José Eudes Campos Nascimento
Leopoldina

13h - Concentração
15h - Caminhada com Cristo
16h - Celebração Eucarística - Catedral

BOTE FÉ NA JUVENTUDE
1º Encontro da Província Eclesiástica
Juiz de Fora - Leopoldina - São João del Rei

Venda abadás - Informações: (32) 3229-5450

Ainda nesta edição:

Leia a nota da CNBB e o artigo do Arcebispo de Sorocaba, Dom Eduardo Benes, a respeito do aborto.

Página 6

Em nossa homenagem especial, trazemos um pouco da história de Dom Gerardo Ferreira Reis, 2º Bispo de Leopoldina (MG).

Página 8



Catequese do Papa

Leia a Homilia do Santo Padre Francisco para a Celebração por ocasião da Festa de São Jorge

Página 5

“CONHEÇA MINHA PARÓQUIA”

Rádio Catedral lança plano de comunicação para as Paróquias da Arquidiocese de Juiz de Fora.

Página 2

Regional Leste II realiza encontro da Pastoral Carcerária em Juiz de Fora

Página 7

Bethânia Casa de Passagem recebe novo ânimo

A visita realizada em dezembro passado pelo Arcebispo Dom Gil resultou em novo ânimo e incentivo para a benemérita obra Bethânia Casa de Passagem, que acolhe pessoas portadoras de Câncer.

Página 2

Festa da Misericórdia: Novo Centro de Evangelização é inaugurado

O Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, presidiu a Santa Missa na Festa da Misericórdia, realizada no domingo, 7 de abril, quando inaugurou o novo Centro de Evangelização da Comunidade Resgate.

Página 3

Celebração marca 180 anos da Sociedade São Vicente de Paulo

No dia 23 de abril passado, a Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) celebrou festivamente os 180 anos de sua fundação e os 200 anos de nascimento do Beato Frederico Ozanan, seu fundador.

Página 4

CNBB realiza sua 51ª Assembleia

No último mês de abril, entre os dias 10 e 19, Bispos de todo o Brasil se reuniram em Aparecida (SP) para a 51ª Assembleia Geral da CNBB. Junto a eles, também estiveram presentes no evento diversos padres, religiosos, leigos e assessores.

Página 5

Editorial

As novidades da Igreja no mês das mães

Pe. Antônio Camilo de Paiva
Editor Chefe

Neste mês de maio, mês das mães e das noivas, trazemos aos leitores da Folha Missionária diversos assuntos que estão em voga na nossa Igreja.

Você ficará por dentro da visita do Arcebispo Dom Gil à Bethânia Casa de Passagem. Conhecerá o plano de comunicação "CONHEÇA MINHA PARÓQUIA", que a rádio Catedral está lançando para as Paróquias da Arquidiocese. Terá acesso, ainda, ao depoimento escrito por Dom Gil à sua mãe, Dona Maria Teresa, por ocasião do tão especial Dia das Mães.

Na Palavra do Pastor, o Arcebispo de Juiz de Fora retoma suas reflexões a respeito do Concílio Vaticano II, após a interrupção por dois meses desta sequência de artigos em função da renúncia de Bento XVI e a eleição do Papa Francisco.

Trazemos, também, a cobertura da inauguração do novo Centro de Evangelização da Comunidade Resgate, que aconteceu na Festa da Misericórdia, próximo ao município de Chácara (MG).

O grande destaque

deste mês é o 1º encontro de jovens da Província Eclesiástica de Juiz de Fora, o "Bote Fé na Juventude", que acontece este mês em Juiz de Fora, com a presença de cerca de 6 mil jovens.

Ainda nesta edição, falamos sobre a celebração que marcou os 180 anos da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) e os 200 anos de nascimento de seu fundador, o Beato Frederico Ozanan.

Na Catequese do Papa, publicamos na íntegra a Homilia do Papa Francisco para a celebração com os Cardeais residentes em Roma, por ocasião da Festa de São Jorge.

Você saberá como foi a participação de nosso Arcebispo na 51ª Assembleia Geral da CNBB, em Aparecida (SP). E, a respeito do aborto, temos a nota oficial da CNBB e o artigo do Arcebispo de Sorocaba (SP), Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues.

Finalizando, temos nossa homenagem especial ao segundo Bispo Diocesano de Leopoldina, Dom Gerardo Ferreira Reis.

A todos, boa leitura!

Bethânia Casa de Passagem recebe novo ânimo

A visita realizada em dezembro passado pelo Arcebispo Dom Gil resultou em novo ânimo e incentivo para a benemérita obra Bethânia Casa de Passagem, que acolhe pessoas portadoras de Câncer.

A instituição atende principalmente ao público das cidades vizinhas e que não tem referências em Juiz de Fora. Desta forma, essas pessoas são acolhidas e recebem, gratuitamente, abrigo, alimentação e repouso, enquanto aguardam o atendimento.

A Bethânia Casa de Passagem é mantida através de doações, contando com o trabalho de mais de 50 voluntários e dois funcionários, coordenada pelos membros do Movimento Focolares.

Você também pode ajudar a Casa Bethânia, com trabalho voluntário ou doações. Informe-se pelo telefone (32) 3213-5268.



Fotografias cedidas pela administração da Bethânia Casa de Passagem



"CONHEÇA MINHA PARÓQUIA"



A Rádio Catedral FM, buscando dar visibilidade às Paróquias de Juiz de Fora, abre um espaço de parceria com os párocos e administradores paroquiais. Para isso, foi criado o plano de

comunicação "Conheça minha paróquia". Por uma mensalidade acessível a qualquer realidade econômica da comunidade, a Paróquia terá direito a cinco incisões durante a programação diária da Rádio Catedral, correspondendo a um total de 150 chamadas, totalizando 75 minutos por mês.

O texto pode ser elaborado pela

própria comunidade e nossa equipe fará a pós-produção. Desta forma, sua Paróquia será apresentada para a população de Juiz de Fora com uma imagem contundente, atraente, inovadora e com retorno imediato.

Os Padres e Paróquias interessados podem ligar para 3257 3500, no horário das 8h às 17h, ou procurar o Pe. Camilo.



Dia das Mães

Depoimento de Dom Gil Antônio Moreira



"Minha mãe conta hoje com 94 anos de idade, plenamente lúcida. A maior lição que ela me deu e continua me dando é sua fé inabalável, seu amor a Deus sobre todas as coisas, seu carinho com tudo o que é da Igreja, sua devoção madura e santa a Maria, Mãe de Jesus, seu amor aos pobres, afinal, sua alma toda marcada pelo amor a Deus e ao próximo. Até hoje, frequenta a Santa Missa todos os dias, é Presidente da Associação das Obras das Vocações Sacerdotais na Paróquia, liderando um grupo de cerca de 50 senhoras que trabalham na mesma benemérita obra. Também a sua dedicação e muitos sacrifícios vividos em favor de seus 8 filhos, 16 netos e três bisnetos são patrimônio inestimável que ela nos comunica. Não posso deixar de destacar também a sua fidelidade incontestável a seus compromissos aos quais nunca falha, mesmo se viessem em prejuízo seu. Por tudo isto, sei que minha vocação sacerdotal e a de meu irmão também padre, dependeram dela e permanecem alimentadas por ela. Feliz de quem tem uma progenitora como a nossa! Obrigado meu Deus!"

Expediente

Diretor Fundador: Dom Gil Antônio Moreira - Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Editor Chefe: Pe. Antônio Camilo de Paiva

Jornalista Responsável: Leandro Novaes MTB 14.078 - Contato: folha.missionaria@gmail.com

Conselho Editorial: Pe. João Francisco Batista da Silva / Pe. Eduardo Almeida da Rocha / Pe. Elton Adriane de Oliveira

Impressão: FUMARC - (31) 3249-7400 - www.fumarc.com.br / Tiragem: 15.500 exemplares

Redação: Edifício Christus Lumen Gentium - Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3229 - 5450. Home Page: www.arquidiocesejuizdefora.org.br.

Palavra do Pastor

Concílio Vaticano II: 50 anos depois

Parte 5

Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Prosseguindo meus artigos sobre o Concílio Vaticano II, cuja série iniciei em dezembro de 2012, e tendo saltado o número anterior da Folha Missionária dedicado em abril ao Papa Francisco recém-eleito, prossigo a partir deste número.

Marcou o Concílio o espírito ecumênico, porque tal intuito estava muito no coração de João XXIII, tendo sido aberta as portas para a participação de observadores de outros credos e a aprovação de um documento específico sobre o tema que foi o Decreto *Unitatis Redintegratio*, cuja redação se deu pela coordenação do Cardeal Agostinho Bea-SJ, residente no Colégio Pio

Brasileiro, alemão que fora Diretor do Instituto Bíblico em Roma. Bea fora encarregado antes do Concílio de organizar um secretariado para União dos Cristãos o que se efetivou em maio de 1960. Logo, os caminhos se abriram também ao diálogo com os judeus, ou seja, a não cristãos. Ao início os observadores não católicos eram 48 e ao final passavam de 100, representando cerca de 30 igrejas separadas.

Fato marcante foram os encontros entre Paulo VI e o Patriarca ortodoxo Atenágoras, de Constantinopla, resultando no bonito gesto de retirada da excomunhão mútua entre a Igreja Romana e a Ortodoxa, feitas em 1054, numa declaração assinada simultaneamente em Roma e em Istambul, dia 7 de dezembro de 1965, véspera do encerramento do Concílio.

O Concílio produziu ampla literatura de grande importância para a vida da Igreja do presente e do futuro. Os documentos do Concílio estão divididos em 4 Constituições, 9 Decretos e 3 Declarações, na seguinte ordem: *Lumen Gentium*

(*LG*) – sobre a natureza e a missão universal da Igreja; *Dei Verbum (DV)* – sobre a Palavra de Deus; *Gaudium et Spes (GS)* – sobre a Igreja no mundo de hoje e a vocação humana; *Sacrosanctum Concilium (SC)* – sobre a Sagrada Liturgia;

A seguir, os Decretos *Unitatis Redintegratio (UR)* – sobre o Ecumenismo e o caminho da unidade; *Orientalium Ecclesiarum (OE)* – sobre as Igrejas Orientais Católicas e sua missão; *Ad Gentes (AG)* – sobre o sentido missionário da Igreja; *Christus Dominus (CD)* – sobre a missão dos bispos; *Presbyterorum Ordinis (PO)* – sobre a vida e o ministério dos presbíteros; *Perfectae Caritatis (PC)* – sobre a vida dos Religiosos; *Optatam Totius (OT)* – sobre a vocação sacerdotal, os seminários e a formação; *Apostolicam Actuositatem (AA)* – sobre o apostolado dos leigos; *Inter Mirifica (IM)* – sobre os Meios de Comunicação Social;

Por fim as três Declarações: *Dignitatis Humanae (DH)* – sobre a liberdade religiosa e os direitos da pessoa humana; *Gravis-*

simum Educationis (GE) – sobre a Educação Cristã; *Nostra Aetate (NE)* – sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs.

A 08 de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI, como havia decidido e anunciado, celebra a Solenidade da Imaculada Conceição e declara encerrado o Concílio Vaticano II. Uma mensagem simples foi distribuída aos padres conciliares dirigida aos governantes, aos artistas, aos doentes, aos cientistas, às mulheres, aos trabalhadores, aos jovens.

Este gesto Bento XVI o repetiu no dia 11 de outubro de 2012, na comemoração do cinquentenário, ao celebrar a solene Eucaristia na Praça de São Pedro, com presença de alguns dos poucos padres conciliares ainda vivos, uma grande presença de Bispos do mundo inteiro (entre estes, autor deste artigo), os padres sinodais do Sínodo sobre a Evangelização celebrado em outubro de 2012 e grande multidão de fiéis.

Em outra oportunidade poderemos tratar do pós-concílio com seus

enormes efeitos positivos, mas também com seus problemas a partir de alguma interpretação no mínimo polêmica. O Papa Bento XVI, que fora um dos grandes teólogos peritos das sessões conciliares, tem ajudado à Igreja a compreender a verdadeira hermenêutica do Concílio. Para comemorar o cinquentenário, Bento XVI convocou o Ano da Fé que teve início dia 11 de outubro de 2012 e terá seu encerramento na festa de Cristo Rei de 2013.

O atual Papa Francisco, eleito a 13 de março passado em sucessão ao grande Bento XVI que renunciou a 28 de fevereiro último, prossegue a estrada do Concílio Vaticano II com vivas expressões não só nas palavras, mas, sobretudo na sua maneira de ser que se traduz como eloquente expressão do espírito do Concílio. O Papa continua a programação do Ano da Fé, comemorativo do cinquentenário.

Nas alegrias da Páscoa, agradeçamos a Deus que continua suscitando continuamente vida nova na Igreja, sempre em estado de ressurreição.

Festa da Misericórdia: Novo Centro de Evangelização é inaugurado



Homilia de Dom Gil Antônio Moreira para centenas de fiéis que estiveram presentes na Festa da Divina Misericórdia. Foto: Leandro Novaes

O Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, presidiu a Santa Missa na Festa da Misericórdia, realizada no domingo, 7 de abril, quando

inaugurou o novo Centro de Evangelização da Comunidade Resgate, próximo ao município de Chácara (MG).

Milhares de pessoas passaram pelo lo-

cal durante todo o dia. Antes da celebração, os fiéis cantaram e se emocionaram com o show do cantor católico Eros Biondini.

Em sua homilia, Dom Gil falou sobre a importância da fé em Jesus Cristo. Citou a grande repercussão que houve na mídia nos dias que antecederam o Conclave, onde os Cardeais elegeram o novo Santo Padre, o Papa Francisco, que destaca-se pela sua humildade.

Após o ofertório, uma forte chuva surpre-

endeu a todos, mas não comprometeu a animação dos fiéis. Dom Gil continuou a celebração, denominando o fenômeno como “chuva de graça”, “bênção de Deus”.

A chuva estiou

antes da bênção final. Os fiéis voltaram para suas casas com os corações renovados, agradecendo ao Senhor pelo dia que tiveram e por terem participado desta

grande festa.



Apresentação do cantor Eros Biondini. Foto: Leandro Novaes

Cerca de 6 mil pessoas no Bote Fé na Juventude



Cartaz Oficial do "Bote Fé na Juventude", organizado pela Arquidiocese de Juiz de Fora

Acontece este mês, em Juiz de Fora, o Bote Fé na Juventude. O evento é no dia 05 de maio, na Praça da Estação. A concentração está marcada para 13h. Cerca de seis mil jovens da Província Eclesiástica (que abrange Juiz de Fora, Leopoldina e São João Del Rei) são esperados para esta grande festa, como uma preparação para a Jornada Mundial da Juventude, que acontece no Rio de Janeiro este ano.

Às 15h, uma caminhada sai em direção à Catedral Metropolita-

na, onde acontece a celebração da Santa Missa, às 16h. O Arcebispo Metropolitano Dom Gil Antônio Moreira, juntamente com o Bispo de São João Del Rei, Dom Célio de Oliveira Goulart e o Bispo de Leopoldina, Dom José Eudes Campos Nascimento participarão do evento.

Os abadás já estão sendo vendidos no Centro Pastoral (Avenida Rio Branco, nº 4516, Alto dos Passos) – novo prédio administrativo Christus Lumen Gentium. O valor é R\$10.

Celebração marca 180 anos da Sociedade São Vicente de Paulo

Colaboração: Assessoria de Comunicação

No dia 23 de abril passado, a Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) celebrou festivamente os 180 anos de sua fundação e os 200 anos de nascimento do Beato Frederico Ozanan, seu fundador. A celebração foi realizada na Capela São Vicente de Paulo, em Juiz de Fora, presidida pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Gil Antônio Moreira, e concelebrada pelo Vigário Episcopal para a Caridade, Pe. José de Anchieta Moura Lima. Também estava presente o Diácono Permanente Willian Dias.

“Onde há um coração amoroso, está a vida de Deus; onde está a caridade, está a semente do Céu; onde está a caridade, o amor, a fraternidade e o cuidado com os pobres, já começou a vida do Céu”. Estas foram algumas das palavras ditas por Dom Gil em sua homilia, na qual ressaltou ainda que nestes 180 anos, milhares de pobres já foram socorridos pelo trabalho da SSVP. “Se não fosse a Sociedade São Vicente

de Paulo, muitos teriam morrido na penúria, por isso esta sociedade tem grandes méritos, não só no sentido religioso, mas também social”, declarou.

Ainda segundo o Pastor, Frederico Ozanan foi escolhido pelo Papa Bento XVI como um dos patronos da Jornada Mundial da Juventude. “Foi um jovem que soube viver a sua fé”, destacou. Em Juiz de Fora, as conferências estão presentes há quase 150 anos, e no passado, quando não havia ações mais determinadas do governo, os pobres eram socorridos pelos Vicentinos.

O Coordenador de Jovens e do Setor de Comunicação da SSVP em Juiz de Fora, Wandemberg Medeiros, conta que há presença de Vicentinos em todas as Paróquias e que os jovens têm uma força muito grande neste projeto. Ele comenta, ainda, como é ver o retorno de quem foi ajudado por eles. “É um alegria muito grande. Nós ajudamos aqueles que necessitam e



Momento da comunhão. Foto: Assessoria de Comunicação

essas pessoas, em pouco tempo, são promovidas, saem daquela situação, e muitas passam a ser vicentinas ou ajudar. Eu sou um exemplo disso”.

Outra vicentina presente na celebração, Sra. Klelia, conta que ela e seu marido conseguiram realizar o sonho de ir a Paris (França), onde o Beato Ozanan começou a primeira conferência. “Nós fomos até Paris e conhecemos muitas bênçãos de Ozanan, de São Vicente, além das Filhas

da Caridade e da Medalha Milagrosa. Estivemos pertinho de João Paulo II na beatificação de Frederico Ozanan. Eu não tenho nem palavras para agradecer a Deus esse grande momento que passamos na fé e no amor a Cristo. Foi graças a Ele e aos pobres que tivemos a graça de conhecer Ozanan”.

Participante da sociedade desde 1976, juntamente com o marido, criou uma obra no Bairro Progresso, o

Conselho Particular Santa Rita de Cássia. Eles profissionalizam a juventude, tirando-a das drogas, da violência e dando uma oportunidade de ingresso no mercado de trabalho. Ela conta com a ajuda de pessoas da comunidade e os filhos.

Após a celebração, todos cantaram parabéns pelo aniversário da SSVP e do Beato Frederico Ozanan. Houve confraternização e partilha do bolo.



Patequese do Papa

Concelebração Eucarística com os Cardeais residentes em Roma por ocasião da Festa de São Jorge

Capela Paulina - 23 de abril de 2013 - Dia de São Jorge

A primeira leitura de hoje leva-me a pensar que, justamente no momento em que se desencadeia a perseguição, desencadeia-se a missionariedade da Igreja. Os cristãos, que chegaram à Fenícia, a Chipre e a Antioquia, proclamavam a Palavra (cf. At 11,19). Traziam este ardor apostólico no coração; e assim é que a fé se difunde! Algumas pessoas de Chipre e de Cirene, que se tinham tornado cristãs, chegaram a Antioquia, começaram a falar também aos gregos (cf. At 11, 20). Trata-se de mais um passo; e assim avança a Igreja. Dado que isso era então inconcebível, porque se pregava só aos judeus, de quem foi esta iniciativa de falar aos gregos? Foi do Espírito Santo, Aquelle que impelia avante, sempre mais.

Mas, quando isto chegou aos ouvidos da Igreja de Jerusalém, houve alguém que fi-

cou um pouco nervoso e enviaram uma *Visita apostólica*, enviaram Barnabé (cf. At 11, 22). Talvez possamos – com um pouco de humorismo – dizer que está aqui o início teológico da Congregação para a Doutrina da Fé: nesta *Visita apostólica* de Barnabé. Ele observou, e viu que tudo caminhava bem (cf. At 11, 23). E a Igreja assim vê crescer a sua maternidade: é Mãe de mais filhos, de muitos filhos; torna-se Mãe, sempre mais Mãe. E Mãe que nos dá a fé, Mãe que nos dá a identidade. A identidade cristã não é dada por um bilhete de identidade; a identidade cristã é pertença à Igreja: todos estes pertenciam à Igreja, à Igreja Mãe, porque não é possível encontrar Jesus fora da Igreja. O grande Paulo VI dizia: é uma dicotomia absurda querer viver com Jesus sem a Igreja, seguir Jesus fora da Igreja, amar Jesus sem a Igreja (cf. Exort. ap. *Evangelii nuntian-*

di, 16). E a mesma Igreja Mãe, que nos dá Jesus, dá-nos a identidade, que não é somente um selo: é uma pertença. Identidade significa pertença: a pertença à Igreja. Coisa estúpida!

A terceira ideia que me salta à mente (a primeira era o desencadeamento da missionariedade; a segunda, a Igreja Mãe) é a alegria que sentiu Barnabé quando viu aquela multidão, pois, como diz o texto, «uma grande multidão aderiu ao Senhor» (At 11, 24). «Quando Barnabé chegou e viu a graça que Deus havia concedido, ficou muito contente» (At 11, 23). É a alegria própria do evangelizador; é, como dizia Paulo VI, «a doce e consoladora alegria de evangelizar» (cf. Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 80). E esta alegria aparece na sequência de uma perseguição, de uma grande tristeza, e termina com a alegria. E assim a Igreja avança, como diz um Santo, entre as per-

seguições do mundo e as consolações do Senhor (cf. S. Agostinho, *De Civitate Dei*, 18, 51, 2:PL 41, 614). Assim é a vida da Igreja. Mas, se queremos caminhar pela estrada da mundaneidade, descendo a pactos com o mundo – como queriam fazer com os Macabeus, que a isso se sentiam então tentados – nunca gozaremos da consolação do Senhor. E se procuramos só consolação, esta será uma consolação superficial, uma consolação humana; não aquela do Senhor. A Igreja caminha sempre entre a Cruz e a Ressurreição, entre as perseguições e as consolações do Senhor. E este é o caminho: quem vai por esta estrada não se engana.

Pensemos hoje na missionariedade da Igreja: naqueles discípulos que, esquecidos de si mesmos, partiram, e também naqueles que tiveram a coragem de anunciar Jesus aos gregos, algo quase escanda-

loso naquele tempo (cf. At 11, 19-20). Pensemos na Mãe Igreja que cresce, cresce com novos filhos, aos quais Ela dá a identidade da fé, porque não se pode crer em Jesus sem a Igreja. Ouvimos Jesus mesmo dizê-lo no Evangelho: Vós não acreditais, porque não fazeis parte das minhas ovelhas (cf. Jo 10, 26). Se não somos “ovelhas de Jesus”, a fé não desponta; é uma fé de “água de cheiro”, uma fé sem substância. E pensemos na consolação que teve Barnabé, que é justamente «a doce e consoladora alegria de evangelizar». E peçamos ao Senhor este desassombro, este ardor apostólico, que nos impulsiona a seguir em frente todos como irmãos. A caminhar avante, levando o nome de Jesus no seio da Santa Mãe Igreja, como dizia Santo Inácio, hierárquica e católica.

Assim seja!

CNBB realiza sua 51ª Assembleia

No último mês de abril, entre os dias 10 e 19, Bispos de todo o Brasil se reuniram em Aparecida (SP) para a 51ª Assembleia Geral da CNBB. Junto a eles, também estiveram presentes no evento diversos padres, religiosos, leigos e assessores. A Arquidiocese de Juiz de Fora estava presente com a participação de Dom Gil que, como Coordenador do Grupo de Trabalho para as celebrações dos 50 anos do Concílio, fez apreciada exposição a respeito da 2ª Sessão do Concílio e como Bispo Referencial do Terço dos Homens em nível nacional, demonstrou em dois momentos o esplendoroso crescimento do Movimento que hoje atinge a cifra de mais de um milhão de homens rezando o santo Rosário em todo o Brasil.

O tema central foi



Coletiva de Imprensa. Foto: Divulgação

“Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”, mas outros temas de relevância pastoral da Igreja do Brasil, e outros de interesse da nação, como a Reforma Agrária, a questão da demarcação de terras indígenas e de quilombolas e a Jornada Mundial da Juventude também foram assuntos debatidos na Assembleia.

No dia 19, pela manhã, o episcopado brasileiro participou da Celebração Eucarística de encerramento no Santuário Nacional às 7h30. A missa foi presidida pelo Presidente da CNBB e Arcebispo de Aparecida (SP), Dom Raymundo Damasceno Assis, e concelebrada pelo Arcebispo de São Luís (MA) e Vice-Presidente da CNBB,

Dom José Belisário da Silva, e pelo Bispo Auxiliar de Brasília e Secretário Geral da CNBB, Dom Leonardo Ulrich Steiner. Durante a celebração, foram introduzidos os símbolos da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), a Cruz dos Jovens e o ícone de Nossa Senhora até o Altar Central.

Com o fim da celebração os bispos, em procissão,

seguiram pelo estacionamento do Santuário Nacional com os símbolos. Um momento de grande emoção, quando os bispos se revezaram e carregaram a Cruz e o Ícone que peregrinaram por todo o país desde 2011. Com devoção e cantos, os símbolos chegaram ao Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida para a cerimônia de encerramento da Assembleia.

Na coletiva de imprensa, última atividade oficial do evento, Dom Raymundo Damasceno avaliou que o evento foi uma ocasião de profunda experiência eclesial. “Estivemos reunidos para rezar, refletir e promover o aprofundamento de nossa comunhão. O resultado desse nosso empenho foi o melhor possível. Encerramos o encontro com um saldo excelente”, declarou.

Brasília, 22 de março de 2013
CEPVF Nº 0164/13

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOTA DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA A RESPEITO DO ABORTO

Causou surpresa à sociedade brasileira a decisão tomada pelo Conselho Federal de Medicina, durante o I Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina, favorável à interrupção da gravidez até a 12ª semana, como prevê a proposta do novo Código Penal, em discussão no Senado Federal. As imediatas reações contrárias a esse posicionamento demonstram a preocupação dos que defendem a vida humana desde sua concepção até a morte natural. Merece, por isso, algumas considerações.

O drama vivido pela mulher por causa de uma gravidez indesejada ou por circunstâncias que lhe dificultam sustentar a gravidez pode levá-la ao desespero e à dolorosa decisão de abortar. No entanto, é um equívoco pensar que o aborto seja a solução.

Nossa civilização foi construída apostando não na morte, mas na vitória sobre a morte. Por isso a Igreja criou hospitais, leprosários, casas para acolher deficientes físicos e psíquicos. Recorde-se, em época recente, a figura das Bem-aventuradas Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce dos pobres, bem como os milhares de pessoas que, quotidianamente, se dedicam a defender e promover a vida humana e sua dignidade.

As constituições dos principais países ocidentais apresentam uma perspectiva claramente favorável à vida. A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 1º, afirma que a República Federativa do Brasil tem como um de seus fundamentos a dignidade da pessoa humana. E, no seu artigo 5º, garante a inviolabilidade do direito à vida.

Ajuda a evitar o aborto a implantação de políticas públicas que criem formas de amparo às mulheres grávidas nas mais variadas situações de vulnerabilidade e de alto risco, de tal modo que cada mulher, mesmo em situações de grande fragilidade, possa dar à luz seu bebê. Esta solução é a melhor tanto para a criança, que tem sua vida preservada, quanto para a mulher, que fica realizada quando consegue ter condições para levar a gravidez até o fim, evitando o drama e o trauma do aborto.

O Conselho Federal de Medicina ao se manifestar favorável ao aborto até 12 semanas parece não ter levado em consideração todos os fatores que entram em jogo nas situações que se pretendem enfrentar. Sua decisão, que não contou com a unanimidade dos Conselhos Regionais, deixa uma mensagem inequívoca: quando alguém atrapalha, pode ser eliminado.

Para justificar sua posição, o CFM evoca a autonomia da mulher e do médico, ignorando completamente a criança em gestação. Esta não é um amontoado de células sem maior significado, mas um ser humano com uma identidade biológica bem definida; com um código genético próprio, diferente do DNA da mãe. Amparado no ventre materno, o nascituro não constitui um pedaço do corpo de sua genitora, mas é um ser humano vivo com sua individualidade. A esse respeito convergem declarações de geneticistas e biomédicos.

Todos esses fatores precisam ser considerados no complexo debate sobre o aborto, reconhecendo os direitos do nascituro, dentre os quais o direito inviolável à vida que vem em primeiro lugar.

Que os legisladores sejam capazes de considerar melhor todos os aspectos da questão em pauta e que seja possível um diálogo efetivo, com abertura para alargar o uso da razão. O uso apropriado da mesma não descartaria nenhum fator, reconhecendo os direitos do nascituro, o primeiro deles, o direito inviolável à vida. Deste modo, será possível legislar em favor do verdadeiro bem das mulheres e dos nascituros, e se consolidará o Estado democrático, republicano e laico, que tanto desejamos.

**+ João Carlos Petrini - Bispo de Camaçari (BA)
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para
a Vida e a Família/CNBB**

Aborto? Direito?

Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Arcebispo de Sorocaba (SP)

A propósito do despropósito do Conselho Federal de Medicina do Brasil em julgar direito da gestante desfazer-se do ser humano em gestação nas doze primeiras semanas de gestação, levo até o leitor artigo que publiquei quando os legisladores portugueses, em 2007, julgaram justo o abortamento até a décima semana de gestação.

Portugal acaba de legalizar a prática do crime do abortamento. Haverá por lá vidas humanas que até a décima semana poderão ser ceifadas. Deixou de ser crime. Fica por conta da gestante, orientada por especialistas, tomar a decisão. Autorizado e instado pela gestante, o médico deixará de ser o carasco a executar um inocente indefeso, para se tornar o parceiro do direito feminino de eliminar “o injusto agressor”. Mas, se tiver passado mais de dez semanas - suponhamos onze semanas -, o mesmo médico estará cometendo um crime infame. Pode-se então perguntar: que critérios levaram a permitir o abortamento até a décima semana e a negá-lo no resto do tempo de gestação? A vida do feto humano vale mais nas semanas seguintes? Quando a vida humana começa a ter valor? Antes do parto a gestante - e com ela a sociedade - pode dispor da vida em formação? São mais conseqüentes, em sua insensibilidade moral, aqueles que defendem o abortamento em qualquer etapa da gestação. E mais conseqüentes ainda serão se propuserem a eliminação pura e simples dos recém-nascidos que trouxeram grave incômodo aos pais ou à sociedade pelas mais variadas razões. Como é facilmente verificável por pessoas que conservaram um mínimo de sensibilidade moral, a legalização do abortamento é fruto da arbitrariedade e da prepotência. É uma brutalidade, embora os brutos nunca abortem. Há quem tente justificar o abortamento para os casos em que a mulher tenha sido vítima de violência sexual. Há que se reconhecer a real dificuldade para a mulher de levar avante tal gravidez. Mas, se ela escutar as batidas do coração do bebê que, com todo o carinho, seu corpo de

mulher alimenta e protege, ser-lhe-á difícil silenciar-lhe seu desejo de viver. Oxalá, então, toda a sociedade se coloque a seu lado para ajudá-la a transformar sua dor em fonte de vida para o filho que cresce em suas entranhas. Legalizar o abortamento é aceitar que se cometa uma violência maior que a do estupro.

Há argumentos a favor da legalização do abortamento que são fruto de uma concepção amoral da existência. Nosso ministro da saúde, por ocasião da prisão de uma pobre moça que procurou o abortamento através da ingestão de droga, se mostrou favorável a descriminalização da prática. Como a moça que tomou essa providência já estava no quarto mês de gestação, parece que o ministro é de opinião que o abortamento poderá acontecer em qualquer fase da gravidez. No que ele é bastante lógico, pois de fato a vida humana é a mesma no início e no fim da gravidez. Preocupado com as reações públicas à sua posição, o ministro afirmou que era, ele também, a favor da vida. Mas concluiu dizendo que era preciso pensar, na “situação de fato”, nos riscos de vida para a mãe nas clínicas clandestinas e nos abortos sem assistência médica. O argumento é, pois, esse: o fato da prática em alta escala(?) do abortamento em clínicas clandestinas e em outras situações - com risco para a mulher - autoriza a sociedade legalizar sua prática. Do fato - não importa se é um bem ou não - parte-se para o direito. Assim se pensa também em relação ao jogo do bicho e a outras tantas realidades da vida em sociedade. É o argumento do “Já que”. A moral não passa de “ciência dos costumes”, entendida não como instância que avalia os costumes, mas como codificação dos costumes estabelecidos. Em tal contexto cultural educar para a virtude torna-se uma tarefa quase impossível. É mais fácil a filosofia do “Já que”. O embrião ou feto é vida humana em processo como a minha e a sua, caro leitor, e, por isso deve ser protegida pela sociedade. Na verdade só teremos acabado de nascer ao morrer. Temos

um destino eterno. Nossa vida, desde a concepção é sagrada.

Por isso é absurdo submeter à consulta popular - a plebiscito -, a descriminalização do abortamento. Imaginem uma consulta popular no Irã sobre uma possível execução dos soldados ingleses aprisionados em águas iranianas. Supõe-se que os dirigentes de uma nação tenham suficiente discernimento para resguardarem os direitos fundamentais do ser humano e suficiente formação moral para discernirem entre o bem e o mal. E é obrigação deles esclarecer a sociedade sobre as exigências concretas de respeito à dignidade humana e da procura do bem comum. Há valores que não dependem da votação da maioria. Soube que existe no Congresso Nacional a proposta de se promover uma consulta popular - um plebiscito - sobre a legalização do aborto. É absolutamente destituída de sentido ético tal iniciativa uma vez que só o fato de abrir tal consulta está a ensinar que se pode eliminar uma vida inocente e indefesa. Não faz muito tempo assisti em DVD a um abortamento. Vi uma criança de 12 semanas ser arrancada aos pedaços de sob o coração da mãe. Foi uma cena horrível. O Dr. Bernard Nathanson, cognominado o “Rei do Aborto”, diretor de uma clínica especializada em abortamento nos EUA, depois de assistir o DVD de um aborto que ele mesmo fizera, - ele fizera tantos outros -, horrorizado, converteu-se no apóstolo do “direito de nascer” e é ele mesmo quem, em magistral aula, descreve, no DVD que assisti, o violento procedimento do abortamento. O aborto é um crime - para quem crê em Deus, um pecado - praticado por muitas mãos, também pelas mãos daqueles que fazem leis que o tornam “legal”. Observação final: os laicistas argumentam que a fé não deve interferir nessas questões. A pura razão deve resolvê-las. Mas que lógica é esta que julga legítimo abortar até o terceiro mês de gestação. Por que não nas semanas seguintes? A reta e correta racionalidade é esta: o ser humano inocente tem direito a viver.

Regional Leste II realiza encontro da Pastoral Carcerária em Juiz de Fora

Encerramento foi marcado por Missa presidida por Dom Gil Antônio Moreira

Colaboração: Assessoria de Comunicação



Encerramento do Encontro da Pastoral Carcerária. Foto: Assessoria de Comunicação

Entre os últimos dias 19 e 21 de abril, Juiz de Fora foi sede do Encontro do Regional Leste II da Pastoral Carcerária, que aconteceu na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Linhares. No encerramento do encontro, o Arcebispo Metropolitano Dom Gil Antônio Moreira presidiu a Santa Missa, que foi concelebrada por diversos Padres do nosso clero e também de outras Dioceses – entre eles, o Coordenador da Pastoral Carcerária, Pe. José Maria de Freitas, CEM. Estiveram presentes também membros da comunidade, autoridades e cerca de 30 detentos do Centro de Remanejamento do Sistema Prisional (Ceresp), que estavam sem algemas. A celebração foi o grande destaque do encontro.

A participação dos encarcerados faz

parte do projeto “Preso na Missa - recuperando pela oração”, que já acontece uma vez por mês na comunidade e é uma parceria entre a Pastoral Carcerária da cidade e o Ceresp.

Durante a homilia, Dom Gil aproveitou a data, Domingo do Bom Pastor, para comparar com o trabalho do grupo católico. “O primeiro agente da Pastoral Carcerária é o próprio Cristo, Bom Pastor. A missão dos agentes é imitar o Bom Pastor, é ajudar os irmãos que estão nas prisões para que possam ter sua vida reconstruída. Todos nós estamos em situação de risco e Cristo quer tirar todos do perigo”, destacou.

O encontro teve como tema “Profecia a serviço da dignidade humana” e teve o objetivo de formar pessoas interessadas em trabalhar

na pastoral carcerária.

Atuação da Pastoral Carcerária na Arquidiocese

A Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Juiz de Fora desenvolve trabalhos no Centro Sócio-Educativo Santa Lúcia, no Centro de Rema-

nejamento do Sistema Prisional (Ceresp), no Hospital de Toxicomanos Padre Wilson Vale da Costa, na Penitenciária José Edson Cavaliere (PJEC) e na Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires (PPACP).

Periodicamente, os integrantes das pastorais visitam esses locais levando evangelização, através de formação e reflexão, além da doação de livros, terços e escapulários. Além das visitas, os principais projetos realizados são: “Preso na Missa”; projeto de reforma e ampliação da matriz de Linhares, com mão de obra de detentos; construção de capelas em comunidades carentes. Saiba mais sobre estes projetos no site da Arquidiocese de Juiz de Fora (www.arquidiocesejuizdefora.org.br).

Além disso, duas vezes por mês, seis ad-

vogados atendem, gratuitamente, toda a comunidade na matriz do Bairro Linhares, sendo que o foco é o trabalho com as famílias dos presos. Também estão sendo pensados outros dois projetos: uma parceria com a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), na reinserção dos egressos do sistema penitenciário no mercado de trabalho, e uma parceria com a Fazenda da Esperança da Arquidiocese (sede em Guarará – MG) no trabalho de recuperação de presos com dependência química.

A Pastoral Carcerária conta atualmente com vinte membros e “sempre está à procura de mais voluntários”, destaca Pe. José Maria. O grupo também aceita doação de livros cristãos para formação, além de escapulários e terços.



Detentos acompanharam a celebração sem algemas. Foto: Assessoria de Comunicação



Arquidiocese de Juiz de Fora - Provisões para 2013

Pe. José Sávio Ricardo - Administrador Paroquial da Paróquia Santa Terezinha

Pe. Nei Ângelo Furtado Moura - Administrador Paroquial da Paróquia São José - JF

Pe. Farne Luiz Delgado de Almeida - Administrador Paroquial da Paróquia Santa Bárbara

Pe. Éder Luiz Pereira - Vigário Paroquial da Paróquia Bom Pastor e Chanceler do Arcebispado

Pe. Luciano Bonato - Administrador Paroquial da Comunidade Nossa Senhora Aparecida – Granjas Betânia e Comunidade Santa Rita – Recanto dos Lagos

Pe. Nilo Sérgio Franck Júnior - Vigário Paroquial da Paróquia São Miguel e Almas

Pe. Luciano Atanázio - Administrador Paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida – bairro Nossa Senhora Aparecida

Pe. Liomar Rezende de Moraes - Administrador Paroquial da Paróquia São Pedro Apóstolo

Homenagem Especial

Dom Gerardo Ferreira Reis

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira



Dom Gerardo Ferreira Reis - 2º Bispo Diocesano de Leopoldina (MG)
Fotografia cedida pela Diocese de Leopoldina (MG)



Diocese as oportunas e sábias decisões proferidas após um longo período de estudos realizados juntos aos bispos de todo o mundo durante o referido Concílio em Roma nos pontificados João XXIII e de Paulo VI. Dom Reis também foi responsável por introduzir o movimento dos Cursilhos da Cristandade em Leopoldina, tanto para homens como para mulheres.

A piedosa seriedade com que celebrava os atos litúrgicos não deixava de despertar a admiração dos participantes, tonando-se uma referência na região. Não se esqueceu de apoiar vivamente o apostolado a fim de despertar vocações sacerdotais e de acompanhá-las para a chegada ao sacerdócio dos que realmente eram vocacionados.

Dom Reis era atento às necessidades de seus sacerdotes, sempre os ajudando e estimulando à fidelidade à Igreja. Tinha também uma grande preocupação com aqueles que deixavam seu ministério, e, obedecendo as devidas licenças pontifícias, auxiliava no retorno destes ao estado laical.

Jamais se esquecia da Igreja Paroquial. Por prudência e porque era um grande seguidor das diretivas pontifícias, agia com sensatez no esforço ecumênico de unir, o mais possível, os cristãos que habitavam o território da Diocese. Dom Reis era atento também aos passos dados nas obras sociais que visavam

a promoção dos diocesanos carentes.

Com a colaboração de vários leigos, fundou o MAS (Movimento de Assistência Social), que até hoje presta ajuda a várias pessoas, principalmente na periferia de Leopoldina. Tinha um grande apego à literatura tanto brasileira, quanto estrangeira. Alcançou com essa preferência profundos conhecimentos sobre artes e livros. Sofreu muito, quando às vésperas de deixar o governo da Diocese, sentiu que sua vista, em razão do diabetes, passou a tornar-se um problema para suas leituras.

Dom Reis foi sucessor de Dom Delfim Ribeiro Guedes (1943-1960) no pastoreio da Diocese de Leopoldina, ficando à frente desta por 23 anos. Seu lema Episcopal era "Cum Sanctis Tuis" que significa "Com os teus Santos". Renunciou ao munus (cargo) episcopal no dia 5 de agosto de 1985, aos 74 anos.

Afastando-se da sede episcopal, não se esqueceu de seus diocesanos. Passou a bispo emérito e foi ser capelão do convento de religiosas em Passos (MG), onde faleceu em 22 de junho de 1995, com 83 anos, de acidente vascular cerebral e diabetes militus.

Em um dos seus últimos escritos lê-se: "Peço perdão por alguma coisa de mal que, involuntariamente, possa ter feito. Se por acaso a alguém ofendi e fiz sofrer com alguma atitude menos delicada, peço perdão generoso".

Dom Gerardo Ferreira Reis nasceu em Alpinópolis (MG), no dia 1º de outubro de 1911. Estudou no Seminário Nossa Senhora Auxiliadora, da Diocese de Guaxupé (MG), no qual realizou seus estudos secundários e de Filosofia, e no Seminário do Coração Eucarístico de Belo Horizonte, recebendo neste a formação em Teologia.

Dom Reis, como sempre foi conhecido, ordenou-se presbítero no dia 21 de junho de 1936 e dirigiu o Seminário, como reitor, desde quando começou a se preparar para o sacerdócio. No dia 16 de junho de 1961 foi designado como segundo bispo da Diocese de Leopoldina, sendo sagrado em

Guaxupé (MG) no dia 24 de agosto de 1961, pelas mãos de Dom Inácio João Dal Monte (1897-1963), pertencente à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos - OFM Cap, franciscano; Dom Alexandre Gonçalves do Amaral (1906-2002); e Dom Hermínio Malzone Hugo (1957-1977). Dom Reis assumiu a Diocese de Leopoldina em 15 de outubro de 1961.

A fase de sua ação pastoral como bispo foi marcada por excepcionais qualidades e medidas comportamentais. Além de tratar fraternalmente os sacerdotes, que foram seus cooperadores, conquistou os diocesanos pela piedade, por sua constante e virtuosa assistência, geradora de apóstolos. Dis-

punha de uma prudente, sincera e eficiente parceria com as autoridades civis e militares, embora tenha conhecido as dificuldades emanadas do Regime Militar no Brasil, que durou de 1964 a 1985. Em determinada ocasião, num Retiro Espiritual para Homens, em 1978, em Visconde do Rio Branco (MG), mostrou sua capacidade em conciliar os ânimos onde, num ambiente marcado pelo regime imposto, pregou de forma normal, mesmo sabendo que havia entre os retirantes, um major do Exército.

Participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II, ocorrido entre os anos de 1962 a 1965, a partir de então, nos anos após o término do Concílio implantou na